



Arquitetos Militantes na Urbanização de Favelas

Political practice in Slum Upgrading Processes

Lara Ferreira¹, mestranda FAUUSP, lara.icf@gmail.com

¹ Arquiteta formada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP - 2011), mestranda da FAUUSP na área de Habitat (2015), bolsista CAPES e pesquisadora do Observatório de Remoções (2016). Participou de pesquisas sobre assentamentos informais em Angola e no Brasil e tem experiência em projeto de urbanização de favelas (São Paulo).

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a influência da militância na atuação de arquitetos em Urbanização de Favelas. Trata-se de um reconhecimento mas também a apresentação de uma retrospectiva das técnicas e metodologias desenvolvidas por técnicos, muitas vezes pioneiros no seu campo de atuação e o impacto que os mesmos causaram com a sua ação. Este trabalho parte da seleção de alguns casos de estudo, que são poucas vezes reconhecidos e documentados, mas que aqui nos propomos ilustrar através da enumeração de ações comuns entre sujeitos que designamos como arquitetos militantes.

Palavras Chave: Urbanização de Favelas, Arquitetos Militantes, Pioneiros

ABSTRACT

The proposal is a reflection on the influence of the political practice of architects in slum upgrading processes. It is a recognition but also a retrospective about the techniques and methods developed by these technicians. They are often pioneers in their field and caused great impacts with their actions. This work parts from a selection of some case studies, which are rarely recognized and documented. We propose to illustrate them by enumerating common actions among these subjects that we designate as militant architects.

Keywords/Palavras Chave: Slum Upgrading processes, Militant Architects, Pioners

INTRODUÇÃO - AS REFERÊNCIAS DE PROJETO EM URBANIZAÇÃO DE FAVELAS²

Este trabalho parte da procura por referências de projeto de Urbanização de Favelas dentro dos campos da arquitetura, urbanismo e desenho urbano. Por comparação com outros deparamo-nos com uma menor quantidade de conteúdo reproduzido em revistas ou livros sobre o tema, sobretudo com exemplos gráficos de projeto ou sua concretização efetiva no território, o que dificulta a possibilidade de reflexão ou aprendizado sobre a Urbanização de Favelas.

Apesar do conhecimento acumulado e das técnicas desenvolvidas desde os primeiros registros nos anos 70 no Rio de Janeiro, e do Brasil ser uma das referências mundiais neste tipo de intervenção, a relevância dada à Urbanização de Favelas ainda não alcançou a centralidade no empenho orçamentário em gestões públicas municipais e estaduais, e em faculdades de arquitetura e urbanismo³ e noutros centros de formação e pesquisa, o que foi revelado pelo conjunto dos trabalhos sobre o tema no último Encontro Nacional de Planejamento Urbano (XVI ENANPUR, 2015).

Encontramos algumas reflexões em autores ou em centros de estudo específicos, mas onde os trabalhos e pesquisa versam sobretudo as políticas, os programas, até os parâmetros de intervenção, mas muito pouco é dedicado à reflexão sobre o exercício projetual e a avaliação das práticas de intervenção.

A ESPECIFICIDADE DA URBANIZAÇÃO DE FAVELAS

Alguns fatores podem contribuir para este quadro. A complexidade deste tipo de projeto pode ser um deles. Urbanizações de Favelas são intervenções que dizem respeito tanto ao espaço físico, como à dimensão social do território e suas populações. As intervenções físicas podem ser questões de prevenção e eliminação de risco (de derrocada, alagamento, contaminação, etc.), implantação ou complementação de infraestrutura urbana (drenagem, fornecimento de água, saneamento básico, eletricidade, condições viárias, gestão de resíduos sólidos,...), que se cruzam com as questões sociais, como o acesso a serviços urbanos (mobilidade e transporte público, postos de saúde, centros de educação, lazer, segurança pública,...), a localização do trabalho, para além, da regularização fundiária e da necessidade da aproximação das populações, procurando a maior eficácia da intervenção, através do entendimento das reais necessidades, e da sua mais adequada resposta, para a maior taxa de apropriação local. Em intervenções mais profundas, a questão habitacional, tanto da realocação como a intervenção de melhorias habitacionais, devem ainda ser abordadas. E o grau de complexidade aumenta dependendo da dimensão (territorial e

² É importante conceituarmos **Urbanização de Favelas** com o seu sentido amplo de atuação em territórios habitacionais precários, definidos como assentamentos precários (loteamentos irregulares, favelas, cortiços conjuntos habitacionais irregulares, entre outros) pelo Ministério das Cidades no Plano Nacional de Habitação de 2010 (BRASIL, 2010), e que é abrangido por linha de financiamento nacional específica dentro do Programa de Aceleração de Crescimento – o PAC Urbanização de Assentamentos Precários (UAP). Escolhemos aqui designar esta ação de intervenção nestes territórios como Urbanização de Favelas, reconhecendo o peso histórico da temática e da luta pela urbanização. Lembramos também que o conceito foi assumido na organização de eventos específicos sobre o tema, os seminários I UrbFavelas, II UrbFavelas, organizados, respectivamente, pela UFABC em 2014 e IPPUR em 2016. Compreendemos portanto dentro desta definição a pluralidade das morfologias de habitação precária.

³ Esta afirmação resulta do acúmulo das informações recolhidas nas entrevistas realizadas a arquitetos com experiência em Urbanização de Favelas (e que são a base do trabalho apresentado) também professores de faculdades de arquitetura e urbanismo.

populacional) do assentamento e de características sociais, como as relações políticas, limitações e características econômicas, violência e presença do tráfico, entre outras.

Analisando um panorama geral, podemos arriscar afirmar que a eficiência de intervenções de Urbanização de Favelas é muito baixa, considerando que a totalidade do processo está definido como: levantamento, o projeto, a implementação da obra, objetivando a resolução dos problemas encontrados inicialmente, o que deveria ser avaliado no pós-obra. O processo, considerando esta como uma intervenção de iniciativa pública, depende também de uma gestão pública engajada e com capacidade de mobilização multisectorial – de várias secretarias – e de manter o diálogo com a população envolvida. A Urbanização de Favelas trata-se de um processo multidisciplinar onde muitas variáveis influenciam o seu resultado. Também pela necessidade da contribuição de técnicos de diferentes formações, o mérito da intervenção depende da ação conjunta de muitos agentes, nas diferentes etapas do processo. Na maioria dos casos não foram implantadas as soluções ideais, mas as possíveis, dadas todas as limitações físicas, sociais, institucionais e financeiras.

Neste contexto a sua representação como exercício projetual associado à arquitetura torna-se difícil pois muitas das soluções técnicas não são visíveis e por isso, dificilmente representáveis. O projeto está na escolha de soluções de infraestrutura e compatibilização de redes, ou até mesmo na resolução dos conflitos entre os diferentes atores.

Se a publicização destes projetos é diminuta por comparação com outros projetos de arquitetura, ela não é, no entanto, inexistente. Quando aparecem em revistas e livros, projetos de Urbanização de Favelas, destacam-se pelo desenho dos espaços livres ou projetos de produção habitacional desenhados para reassentamento das famílias removidas. Encontramos também alguma divulgação de concursos de arquitetura sobre o tema, mas que têm pouca repercussão como experiência e poucos foram os que se efetivaram no território⁴.

REFERÊNCIAS. QUE REFERÊNCIAS?

Nos interessava encontrar as soluções implementadas no território e aquelas mais realistas e próximas perante esse mesmo território. Não aquelas amplamente publicizadas e que, ao mesmo tempo, aparentavam um afastamento da realidade.

Reconhecendo a existência de um acúmulo de experiências históricas desenvolvida por gestões públicas, arquitetos e outros técnicos progressistas desde os anos 70 e que se vêm perpetuando e desenvolvendo até aos dias de hoje, nos propusemos a encontrar os desenhos técnicos, as ferramentas e métodos utilizados nessas experiências, para conseguirmos refletir a partir delas. É importante lembrar que estes técnicos e o desenvolvimento destas práticas está intrinsecamente ligado, na sua origem, às lutas das populações mais pobres, aquelas excluídas das áreas regulares da cidade, para estes territórios de conflito, e que em determinado momento se viram ameaçadas

⁴ Lembremos os concursos recentes mais midiáticos: o Morar Carioca (2010) da Prefeitura do Rio de Janeiro, que se propunha, através de um programa com o mesmo nome do concurso, urbanizar todas as favelas da cidade até 2020 e o Renova SP, concurso para a Urbanização de Favelas desenvolvido pela Secretaria de Habitação da Prefeitura de São Paulo (2011). Após os concursos e seleção dos vencedores, ambos os processos, em sua respectiva cidade, foram iniciados mas nenhum concluído até então. Ambos são alvos de críticas no seu desenvolvimento.

por posturas que implicavam a sua remoção e expulsão dos lugares onde moravam ou passaram a reconhecer e exigir o seu direito de atendimento pelos mesmos serviços que o resto da cidade.⁵

As experiências de Urbanização de Favelas que procurávamos seriam aquelas que entendem a intervenção como um exercício de reforma de um tecido já construído. Um tecido com valor histórico, físico, cultural e social, e que a partir da intervenção física esse valor é reforçado. Procuramos as experiências que se aproximavam de intervenções de relação e decisão horizontal, onde o respeito pelos seus moradores apareceria no processo e no produto.

Interessava-nos as práticas e os sujeitos que na sua atuação ultrapassaram os limites ou os mínimos pressupostos em contratação. Aqueles que atuam em urbanização de favelas (e em outros projetos) “engajados em tornar a cidade mais justa, igualitária, emancipada e emancipatória” (VAINER *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2016), e por isso se preocupam com os tecidos físicos mas sobretudo, com as pessoas que os habitam e com a qualidade do ambiente em que habitam. Definimos estes como *arquitetos militantes*.

A PRÁTICA MILITANTE NA URBANIZAÇÃO DE FAVELAS

OS SUJEITOS

Como já abordamos, a ação destes sujeitos encontra-se pouco sistematizada. Reconhecemos que apesar da experiência acumulada, poucos destes sujeitos se dedicaram à divulgação desse trabalho (pelo menos de forma propagandística), e compreendemos que para a recolha desse conhecimento precisaríamos de uma abordagem pessoal de forma a revelar o conhecimento concentrado nos próprios sujeitos.

Para uma leitura temporal selecionamos alguns arquitetos com mais de 15 anos de experiências em Urbanização de Favelas mas também com trabalho recente. E focamos nas regiões do Rio de Janeiro e São Paulo, considerando estas como regiões concentradoras de grande volume de práticas, que são também referência em diferentes momentos da história das intervenções em assentamentos precários no Brasil.

Considerando que este quadro de *arquitetos militantes* inicia-se num marco referencial histórico, a atuação dos Quadra Arquitetos, mais especificamente a atuação do arq. Carlos Nelson Ferreira dos Santos, em Brás de Pina, no Rio de Janeiro, nos anos 70, recuamos até essa experiência tomando-a como parte do quadro montado. Aos restantes arquitetos escolhidos, chegamos através de pesquisa bibliográfica e empírica, pela rede de contatos montada⁶ com atuação em Urbanização de Favelas

Como metodologia de análise foi utilizada a entrevista aos arquitetos selecionados, a análise da sua produção gráfica, a visita aos casos de estudo (sempre que possível), a revisão bibliográfica

⁵ Estas lutas, enquadradas nas lutas pela Reforma Urbana, criam elos num primeiro momento, junto à igreja Católica, sobretudo Movimentos Eclesiais de Base, e grupos de estudantes universitários. É o caso do início da história de Brás de Pina, relatado pelo arq. Carlos Nelson ainda nos anos 60 (SANTOS, 1980).

⁶ Baseada no GE_FAVELAS – Grupo de Estudos sobre Urbanização de Favelas criado em 2013. Grupo de alunos dos cursos de pós-graduação (UFABC e FAUUSP), técnicos profissionais e demais pesquisadores e interessados sobre o tema. O grupo reúne-se pela necessidade de aprofundamento, reflexão e partilha de referências sobre a prática de intervenção e Urbanização de Favelas, mantendo uma atividade regular com orientação docente da prof. Dra. Karina Leitão da FAUUSP.

realizada sobre os casos de estudo e a recolha de outras informações que puderam contribuir para o conhecimento do processo. Pedimos que cada um dos sujeitos tivesse presente duas experiências de Urbanização de Favelas, uma mais recente, outra mais antiga, selecionada por eles mesmo, para que pudéssemos comparar processos. Nem sempre as experiências são claras e denominadas como Urbanização de Favelas, ou os processos se finalizam, daí, apresentamos apenas uma experiência para alguns arquitetos.

Buscamos ultrapassar as individualidades no sentido da atuação e personificação dos sujeitos, procurando nos discursos e material de análise, pontos de contato ou semelhança e/ou afastamentos, que validem ou reprovem a teoria da influência de uma forma de atuação que definimos como militante na história da Urbanização de Favelas.

LOCALIZAÇÃO	SUJEITO ENTREVISTADO	PROCESSO DE URBANIZAÇÃO	PROGRAMA / VIABILIZADOR	DATA
RIO DE JANEIRO	QUADRA ARQUITETOS CARLOS NELSON F. SANTOS	BRÁS DE PINA	CODESCO	1969-1973
	MANOEL RIBEIRO E EQUIPE	SERRINHA	FAVELA-BAIRRO	1996-2001
	CONSÓRCIO COBRAPE/ MAYERHOFFER & TOLEDO + JONATHAS SILVA + VERA TANGARI	PAVÃO-PAVÃOZINHO E CANTAGALO		1999-2003
	MAYERHOFFER & TOLEDO + JONATHAS SILVA + VERA TANGARI	PLANO SOCIO-ESPACIAL DA ROCINHA	PAC + GERJ	2005-2008
Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)	USINA CTAH (WAGNER GERMANO)	VILA POPULAR	PDIADEMA	1994-1995
	PEABIRU TCA (CAIO SANTO AMORE E ALEXANDRE MARQUES)	TAMARUTACA	PIIS + S.ANDRÉ MAIS IGUAL	2000-2003
		BATISTINI	PAC + PSBC	2014-
	HELOÍSA DINIZ DE REZENDE	SILVIO SAMPAIO	PTABOÃO DA SERRA	2006-2009
	S.OBRAS MAUÁ (MILTON NAKAMURA) + TEREZA	COMPLEXO CHAFIK	PAC + PMAUÁ	2013-

O PIONEIRISMO / A EXPERIMENTAÇÃO

Na pesquisa encontramos alguns padrões de atuação recorrentes em vários destes sujeitos, e que os aproximam e os definem como militantes. São formas de fazer, metodologias, ideias e

experiências que impactaram positivamente (como aqui definimos) os envolvidos. Estes avanços são poucas vezes referenciados e identificados pelo seu “criador”. Na verdade, tratam-se de metodologias de trabalho em constante avaliação e atualização e a sua autoria é dispersa em inúmeros sujeitos, inclusive em muitos não citados neste trabalho. São, apesar disso, práticas que na sua grande maioria fogem dos padrões “normais” de fazer arquitetura. Tratam-se de “invenções” para os “problemas” que a cidade informal lhes coloca, muitas vezes inspirações reinventadas dessa mesma informalidade. Estes técnicos não pretendem os louvores das suas criações, até porque sabem o quão longe se encontram da resolução da questão favela como problemática contemporânea. Mas admitem o vanguardismo, às vezes expresso através de loucura, das suas atuações técnicas e políticas. Pelas suas trajetórias, pelas redes de contatos criadas, pelas repercursões que podemos identificar em outros processos, reconhecemos o pioneirismo da sua atuação e o seu contributo para a forma de intervir em favelas.

Em seguida, apresentamos alguns destes padrões de atuação. Apesar da dificuldade de representação de métodos que muitas vezes são meramente posturas pessoais, vamos tentar ilustrá-los a partir dos nossos casos de estudo.

A ‘IMERSÃO’. A LEITURA A PARTIR DA IMPORTÂNCIA DAS PARTICULARIDADES

Destes relatos podemos reconhecer a importância dada à etapa de levantamento pelos técnicos aqui considerados. O conhecimento quase pessoal dos lugares e colaboração com os seus moradores impacta em todas as decisões de projeto e obra. Esta capacidade de percepção de detalhes, muitas vezes escondidos, não deixa de sugerir uma composição entre as experiências vividas e uma sensibilidade de “olhar técnico” dos personagens selecionados para entrevista.

Estes técnicos privilegiam que o processo seja feito com grande proximidade com os territórios e as comunidades atingidas. O arquiteto Manoel Ribeiro chama isto de “imersão”. Para uma leitura adequada das características, o arquiteto defende a necessidade de vivenciar quotidianamente o que acontece na favela. Na Serrinha este processo começou na leitura do território e prolongou-se pelos seis anos de obras que Manoel acompanhou. Manoel considera que a primeira fase, a da leitura, ela é determinante para o projeto, e que ela só pode acontecer através de uma imersão.

Mesmo quando a etapa de diagnóstico é excluída do contrato da equipe projetista, Manoel reivindica que essa etapa precisa ser concretizada pelo projetista e com pelo menos 6 meses de antecedência em relação à primeira proposta de projeto. No caso do Morar Carioca, onde o Diagnóstico deveria ser concretizado por outra empresa, Manoel iniciou o seu próprio diagnóstico visitando e conhecendo a favela que lhe era destinada, mesmo antes da contratação para projeto que acabou por não se efetivar.

Para o desenvolvimento do Plano Sócio-Espacial da Rocinha, Luiz Carlos Toledo teve uma necessidade semelhante. A proposta ganha num concurso de



Fig.1 - Edifício onde foi implantado o escritório MTA dentro da Rocinha. Fonte: PRÓPRIA, 2016

ideias⁷ foi resultado de um convívio intenso com alguns dos seus moradores, para além do seu conhecimento prévio sobre a favela⁸. Durante o desenvolvimento do Plano, Toledo assumiu total responsabilidade na abertura de uma filial do seu próprio escritório dentro da Rocinha. Esta ação foi fundamental para criar um vínculo mais próximo com a comunidade, atender às suas necessidades, para além de ser um local de fácil acesso para o esclarecimento de dúvidas sobre as ações e divulgação das propostas.

Na segunda fase do Favela-Bairro, a relação dos arquitetos com a comunidade foi limitada pelo próprio poder público, e mesmo não estando programado em contrato, em Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, Jonathas, Vera, Manoel e restante equipe técnica fizeram um levantamento rigoroso casa a casa, para além das informações sobre a comunidade conseguidas através das conversas com os moradores mais velhos.

Noutros casos, o comprometimento e inquietação propositiva destes projetistas levam ao desenvolvimento de processos investigativos que chegam quase a teses. É o caso do IPHAB – Índice de Precariedade Habitacional desenvolvido pela Peabiru TCA (SANTO AMORE et al., 2014). Trata-se de uma metodologia de diagnóstico de favela através da análise individual de cada casa, inclusive com visita, cruzando as informações entre acesso a infraestrutura, características construtivas e tipo de ocupação. Através do cruzamento dos diferentes níveis de precariedade, a assessoria consegue sustentar as decisões de remoção ou consolidação da favela para além da proposição de projetos de melhoria habitacional. A necessidade do aprofundamento desta investigação parte do entendimento da complexidade de decisão sobre “quem fica e quem sai” num processo de urbanização de favelas.



Fig. 2 - IPHAB - Índice de Precariedade Habitacional - Batistini, SBC - SP, Peabiru TCA. Fonte: apresentação para exposição oral: SANTO AMORE, C. *Consolida ou Remove? Integra ou excepcionaliza? Precariedade Habitacional, Melhorias, Metodologias de Projeto e intervenção. I URBFAVELAS, 2014, cedida por Caio Santo Amore*

Neste contexto, estes técnicos compreendem estes territórios nas suas particularidades, sem perder a noção da amplitude da problemática, não só na individualidade das características da favela, mas também o respeito pelas individualidades das edificações e das suas famílias. Assim, a

⁷ Concurso Nacional para o desenvolvimento do Plano Sócio Espacial do Bairro da Rocinha organizado em 2008 pelo Governo de Estado do Rio de Janeiro com o IAB-RJ.

⁸ A relação entre Toledo e a Rocinha e seus moradores tinha-se iniciado e desenvolvido anos antes com o pedido da associação de moradores para o desenvolvimento de uma projeto de intervenção e melhorias urbanas para a comunidade a ser desenvolvido pelo escritório do arquiteto mas que não chegou a ser implementado.

defesa pelas melhorias habitacionais como parte do processo de intervenção em favelas é assumida por grande parte destes técnicos, que procuram até incluí-las na sua proposta. É o caso da Peabiru TCA que não aceitando que o término do seu trabalho de projetista está no desenho da infraestrutura e espaços coletivos, tem trabalhado de acordo com as Prefeituras, especialmente a Secretaria de Habitação de São Bernardo do Campo, no sentido de pensar kits de intervenção para a melhoria das habitações. Ou Milton Nakamura que em diálogo com o escritório contratado para o projeto de urbanização do Chafik em Mauá, o Tereza Arquitetos, designaram uma equipe específica para levantamento das necessidades e propostas de intervenção habitacional.

As leituras são também marcadas por outras formas de olhar, dando um destaque para as questões sociais, como é o caso da influência da antropologia sobre estes sujeitos. No caso do Manoel Ribeiro no projeto da Serrinha, ele afirma a necessidade de conhecer profundamente não só o espaço e suas necessidades infra estruturais, mas acima de tudo as diferentes culturas dos seus moradores. Esse conhecimento foi determinante na tomada de decisão sobre as propostas de usos e espaços comuns, e até, em decisões de aberturas de ruas e conexões entre diferentes áreas da favela.

Em Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, em colaboração com os arquitetos Vera Tângari e Jonathas Silva, eles assumem a influência antropológica quando procuram conhecer a favela através da leitura dos moradores mais velhos.

Podemos admitir a influência direta da forma de atuação do arq. Carlos Nelson, conhecido pessoal de Manoel Ribeiro e Toledo. Carlos Nelson fez a sua especialização na faculdade de Antropologia da UFRJ, é conhecido inclusive pela sua autodesignação como “Antropoteto”, um arquiteto que também é antropólogo (SANTOS, 1980). Reconhecemos nessa definição a importância que estes sujeitos dão às informações destes territórios, que vão para além das informações físicas e morfológicas, dando uma relevância ao trabalho e pesquisa em campo, determinante na forma de atuar do antropólogo.

O FORMADOR. A BUSCA POR UMA PARTICIPAÇÃO EMANCIPADA

Para além de viverem de forma imersiva as favelas com as quais trabalham, estes sujeitos são imbuídos por uma sensibilidade que facilita a comunicação com os diferentes interlocutores, sejam técnicos de outras disciplinas, representantes do poder público ou os moradores da comunidade. Os arquitetos militantes reconhecem o seu papel como um serviço público prestado e que por isso deve ir ao encontro do melhor interesse daqueles diretamente atingidos.

É comum verificarmos ações educativas concretizadas por estes sujeitos durante as experiências de Urbanização de Favelas de forma a partilharem o seu próprio conhecimento. A maioria deles são professores universitários em cursos de graduação e pós-graduação de arquitetura e urbanismo, ou até em outras formações⁹. Muitas vezes, estes sujeitos são os responsáveis pela introdução dos temas da informalidade e precariedade e exercícios de intervenção nos currículos académicos dos estudantes.

Todos reconhecem a importância de processos participativos na atuação neste tipo de intervenção, mas criticam duramente, metodologias que se pretendem participativas, mas que apenas mascaram validações em formatos de assembleias, onde muitas vezes os moradores não

⁹ Luiz Carlos Toledo foi professor na Faculdade de Engenharia da UFRJ.

chegam a compreender o intuito do processo, e os impactos nas suas vidas. Para estes arquitetos o processo participativo inicia-se nas posturas relacionais criadas ainda na fase de levantamento. Estes sujeitos compreendem que para uma participação ativa é fundamental uma compreensão emancipada sobre as ações e propostas ali colocadas.



Essa é uma das principais preocupações da Usina CTAH, não só em suas ações de Urbanização de Favelas, mas em todas as atuações, onde, para além da assistência técnica, a assessoria procura garantir que os seus interlocutores, sobretudo os moradores, acessem à totalidade das informações e produzam reflexão crítica sobre a mesma, através de metodologias de comunicação adaptadas.

No Plano Sócio-Espacial da Rocinha, Toledo sentiu a necessidade de partilhar o conhecimento urbanístico com a sua equipe, em grande parte formada por moradores da própria Rocinha. O interesse foi tanto que as sessões foram ampliadas para atingirem um público maior. O resultado foi evidente na compreensão sobre a proposta de projeto, e posteriormente com a reivindicação por melhorias por parte da população, junto às autoridades, tendo como base as propostas realizadas pela equipe.

Fig. 3 - Curso ministrado dentro da Rocinha. fonte: apresentação oral Metodologia de Projeto para Urbanização de Favela, para I URB Favelas 2014, cedido por Jonathas Silva

Nestes processos a Peabiru TCA defende o compartilhamento das ferramentas de projeto com os moradores, no sentido de os aproximar das características do território, e dos fatores que influenciam nas tomadas de decisão da equipe projetista. Isto leva à melhor compreensão e aceitação por parte da comunidade sobre o projeto. No Batistini, a Peabiru recorreu a diferentes Oficinas, uma sobre os rios, outra sobre os equipamentos e usos coletivos, e uma outra sobre o próprio processo de urbanização, que resultou na compreensão dos moradores sobre a complexidade da decisão sobre remoção mas também reassentamento.



Fig. 4 - Oficinas de diálogo no Batistini, SBC-SP. fonte: <http://www.peabirutca.org.br> acessado em 28/02/2016

O MEDIADOR. POR UMA AUTORIA COLETIVA

Os arquitetos militantes compreendem o processo de urbanização de favelas como a complementação de diversas disciplinas. Milton Nakamura destaca o papel fundamental dos

técnicos do social, responsáveis por leituras e compreensões de naturezas que escapam ao olhar dos arquitetos. Num dos processos que participou como gestor público, relembra que a equipe de assistentes sociais alertou-os para a necessidade de um projeto de reassentamento habitacional que considerasse um canil ou algum lugar que pudesse acolher os animais domésticos dos moradores da favela removidos, pelo risco desse se tornar um problema social com grande escala. No Chafik, a presença da equipe social constante no território de intervenção, possibilitou também a constante atualização das informações levantadas no momento do diagnóstico, para além de uma inibição dos casos de novas ocupações, sobretudo em áreas de proteção ambiental, já que os moradores reconheciam na equipe local a autoridade, mas também através dela, a compreensão do alcance da proposta de intervenção. Também no Chafik, Milton procurou a consultoria de técnicos especializados em geotecnia e biologia, que foram determinantes para a definição das diretrizes de projeto.

É comum a presença e interferência de diferentes especialistas em processos desta natureza, o que muitas vezes é exigido pelo contratante ou organizador de concurso (equipes multidisciplinares) e que resulta em projetos de múltiplas autorias. Muitas vezes encontramos equipes com essa característica já montadas em assessorias técnicas onde trabalham juntos arquitetos, assistentes sociais, sociólogos, engenheiros, geógrafos, etc. As propostas e projetos, multidisciplinarmente montados, ganham uma dimensão quase altruísta, onde a questão autoral se perde entre o morador e a sua necessidade, a favela e a sua criatividade, o arquiteto e o desenho, o assistente social e o processo participativo e demais agentes intervenientes no processo.

O PROJETISTA DE CANTEIRO E A OUSADIA DAS PROPOSTAS

Nos processos onde os arquitetos puderam acompanhar a obra¹⁰ os projetos foram definidos ou alterados em campo. Na atuação dos anos 80, em Diadema, Milton relata como era desenvolvido o projeto. Na verdade não existia projeto. Os técnicos da prefeitura estava constatemente na área, junto com os moradores e os trabalhadores, e definiam *in loco*, adaptando as decisões técnicas às características físicas visíveis e às limitações ou pedidos dos moradores presentes. Caso houvesse necessidade de alguma remoção, a família era prontamente reassentada num outro lote com o recurso dos materiais e instrumentos disponíveis da própria prefeitura. Na época, a prioridade era o acesso a infra-estrutura para todos, assim como a regularização, no sentido da garantia de permanência da moradia.

Na Vila Popular em Diadema, os técnicos da Usina adequaram a decisão sobre o alargamento de uma rua, que implicava a remoção de algumas casas, quando descobriram que uma delas funcionava como uma espécie de creche essencial às famílias da comunidade, não existindo alternativas onde as crianças pudessem permanecer nos períodos laborais. Conhecendo esta situação, e investigando melhor as características morfológicas das restantes casas, a rua foi alargada através a remoção parcial dos edifícios do lado oposto ao edifício-creche.

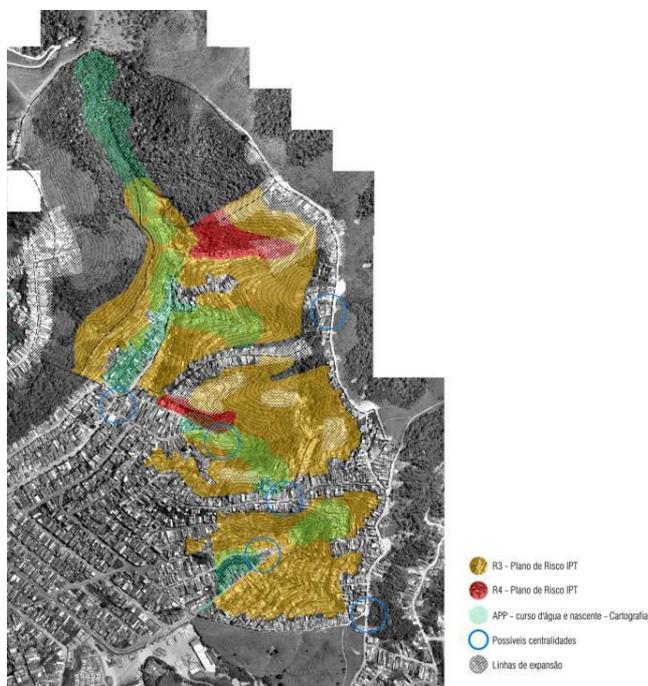
Na Serrinha, Manoel Ribeiro ganhou o concurso Favela-Bairro, com a proposta de intervenção através de tipologias de intervenção física que seriam aplicadas no território, consoante as necessidades do local. Segundo Manoel, estas tipologias foram inspiradas nas invenções dos próprios moradores para resolverem os seus próprios problemas, adaptando-se às condições

¹⁰ Mais comum em Urbanizações de Favelas anteriores aos grandes investimentos federais – anos 80 e 90.

físicas do território. Manoel intitula-se “ladrão de padrões”, característica possível apenas com a sua vivência intensa dentro da favela. Também a implementação na obra foi realizada com uma grande participação do arquiteto. A obra desenvolvida através de administração direta, era feita por fases e o projeto de intervenção decidido no local, à medida que a intervenção progredia, aplicando o padrão tipológico ideal. Durante 6 anos, Manoel frequentou a Serrinha semanalmente.

Compreendendo a Urbanização de Favelas como um projeto com muitas especificidades, entre elas a constante transformação do território e das condições dos seus moradores, Alexandre Hoddap propõe uma adaptação das formas de contratação atuais. O tempo real entre levantamento, projeto e obra levam a inadequações, que apenas com um projeto ou uma revisão de projeto realizada durante a obra podem ser possíveis. Esta é apenas uma entre várias propostas ousadas destes sujeitos relativas à Urbanização de Favelas. Algumas foram sendo “polidas” ao longo do tempo, e acabaram por influenciar programas e legislações para atuação em favelas.

É o caso da influência da experiência de Diadema na regularização fundiária destes territórios. Também a proposta de redes ou materiais alternativos, diferentes dos implementados na chamada “cidade formal”, saem da criatividade destes técnicos e acabam por ser implementados em outros casos. A sensibilidade para a apreensão das características locais que influenciam as decisões técnicas, são comuns, mas muitas vezes acabam não sendo executadas por introduzirem uma dose de ousadia na sua implementação. É o caso da proposta de abertura da Rua 4 na Rocinha da equipe de Toledo, que definiu a permanência das casa junto à encosta e o alargamento da rua em balanço, o que permitiriam um maior “controle” visual da via, e melhor ventilação das habitações. No entanto, na sua implementação, o executor optou por manter as casas opostas, escolhendo uma solução mais conservadora.



Dada a vasta experiência acumulada neste tipo de processos, no caso do Chafik, Milton, como gestor, propôs uma interlocução com outras disciplinas. Chamou biólogos e geotécnicos para a realização de um diagnóstico ambiental profundo e atualizado, de forma a prevenir embates junto aos organismos de aprovação.

Fig. 6 - Mapa das áreas de risco da Fase 1 do assentamento precário Chafik. fonte: Plano Municipal de Redução de Riscos de Escorregamentos e Solapamentos de Margens de Córregos para o Município de Mauá, 2012

Para além destes exemplos, fomos enumerando outros que comprovam a ousadia e até “loucura” destes técnicos face a definições contratuais e organismos que ainda se demonstram conservadores. Os contributos pelo interesses sociais e ambientais, pela importância dada à

questão vernacular e à interferência que as intervenções vão causar na vida dos moradores, mesmo contra ou para além das “regras” de atuação impostas, reforçam a denominação destes como arquitetos de prática militante.

FAZER E QUESTIONAR. A PRÁTICA E A AUTORREFLEXÃO COMO APRENDIZADO

O processo não acontece sem recorrer a um questionamento e problematizações constantes.

Os arquitetos militantes compreendem que o património autoconstruído deve e pode ser melhorado para além dos investimentos em infraestrutura, através de financiamento público. Defendem que o problema habitacional deve ser enfrentado de forma global. As políticas habitacionais devem responder à produção habitacional adequada e acessível, com planeamento, infraestruturas e políticas e em locais que respeitem o direito à moradia adequada e acesso à cidade para todos.

Jonathas, no seu depoimento, relembra a importância desta atuação global, não esquecendo que as favelas e assentamentos irregulares precários são uma grande parte do património nacional construído e que por isso deve ser enfrentado, melhorado e resolvido, no sentido da qualidade de vida acessível para todos. No entanto, a urbanização de favelas concretizada de forma independente não passa de uma forma de “enxugar gelo”¹¹ e que apenas “corre” atrás de um problema que está longe de estar estancando, e continua em crescimento, através de novas ocupações ou densificação das ocupações existentes.

Manoel Ribeiro, por exemplo, questiona o nome dado à fase do levantamento e conhecimento, normalmente designada como diagnóstico, pois não acredita que a palavra, pela sua associação à medicina e identificação de doenças, designa adequadamente esta etapa do processo de urbanização, mesmo defendendo que esta (a leitura e conhecimento do território e sua comunidade) é a etapa mais importante do processo.

Se os arquitetos militantes questionam ora a Urbanização de Favelas como uma forma factível de atuação, ora as formas de trabalho que lhes são impostas ou propostas, também refletem constantemente sobre a sua própria forma de trabalho. Dúvidas e inquietações movem-nos no desenvolvimento de novas técnicas e ferramentas, validando ou ultrapassando as anteriormente aplicadas.

Milton, recordando o seu percurso e experiência de intervenção em favelas crítica as primeiras intervenções realizadas nos governos locais progressistas da área metropolitana de São Paulo, nos anos 80 e 90. Compreende e situa a autocrítica no momento e recursos disponíveis e conhecimentos que possuíam na época. Mas admite que essa forma de atuar não ultrapassou o problema, e reconhece também que as técnicas, ferramentas e conhecimento disponíveis hoje em dia devem ser utilizados no sentido da superação daquelas formas de atuação e melhor procedimento junto às comunidades e seus territórios ocupados.

O próprios processos investigativos e críticos das assessorias técnicas estudadas demonstram esse espírito crítico característico dos arquitetos militantes. A Peabiru TCA assume a produção crítica

¹¹ Termo que Ermínia Maricato utiliza e outros autores referenciam para designarem o conceito de urbanização de favelas, mesmo que, como no caso da autora, defendam esse tipo de intervenção.

como um dos tripés da sua atuação como organização¹². Já a Usina mantém discussões internas regulares sobre os seus processos de trabalho e por ocasião dos seus 25 anos de atuação promoveu uma série de eventos e até um filme e um livro, com reflexões sobre a sua forma de atuar, e os temas que têm encontrado no caminho do seu trabalho.

CONCLUSÕES PRÉVIAS

OS LIMITES

Os padrões de atuação encontrados nestes *arquitetos militantes* e aqui parcialmente descritos, revelam uma postura ética e política de trabalho mas que apenas se viabiliza no diálogo e relação com outros agentes e através de parcerias. Os técnicos trabalhadores dos serviços públicos, são muitas vezes responsáveis ou facilitadores do trabalho dos militantes e até, em muitas ocasiões, eles mesmos os técnicos militantes, arquitetos ou de outras formações. Também os movimentos sociais organizados e as comunidades mobilizadas possibilitam e são parte integrante das propostas militantes. Estes e outros agentes devem ser lembrados quando nos propomos falar da ação dos *arquitetos militantes*.

Por outro lado, é comum o encontro de limitações impostas quando estes sujeitos se encontram com programas, políticas, contratos e agentes do poder público mais conservadores, e/ou com recursos financeiros limitados. Associamos a estas situações alguma frustração que se reflete e é reflexo da fraca taxa de sucesso ou concretização de processos de urbanização de favelas.

Da mesma forma, os técnicos militantes assumem que as falhas, os erros e a experimentação fazem parte de um processo que está em desenvolvimento e longe de estar concluído.

Lembramos, nesta conclusão parcial, que não nos interessa a personificação da ação destes sujeitos, nem a limitação deste grupo aos únicos sujeitos militantes. Partimos deste grupo para identificar uma ética de trabalho comum não só a estes sujeitos mas também a outros que aqui não mencionamos. Podemos encontrar ações semelhantes noutros técnicos e em outros projetos. No entanto, selecionamos aqueles que na sua atuação mantêm regularmente uma postura que caracterizamos como militante e que defendemos tratem-se dos padrões e das posturas de atuação que devem ser publicizadas, divulgadas e assumidas como referência quando falamos em Urbanização de Favelas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, A. L. (2007) *Urbanização de Favelas no Brasil: Revendo a Experiência e Pensando os Desafios*. IPPUR/UFRJ. XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Belém.

DENALDI, Rosana (2003). *Políticas de urbanização de favelas*. São Paulo, FAUUSP (tese de doutoramento).

¹² em 'Programas' <http://www.peabirutca.org.br> consultado em 13 de agosto de 2016.

FERREIRA, Paulo Emílio Buarque (2015). *Urbanização de favelas: metodologias e ação no contexto contemporâneo* (Proposta de Sessão Livre). Belo Horizonte: XVI ENANPUR.

I URBFAVELAS (2014). *Anais do I URBFAVELAS_ Seminário Nacional sobre Urbanização de Favelas*. São Bernardo do Campo: UFABC. Disponível em <http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais/>

LEITÃO, Karina Oliveira e FERREIRA, João Sette Whitaker (2012). *Aspectos Físicos, Urbanísticos e Arquitetônicos*. In: MAGALHÃES, F.; VILLAROSA, F. (editores). (Org.). *Urbanização de Favelas: Lições Aprendidas no Brasil*. 1 Ed. São Paulo: Fupam, V. , P. 1-48.

MAGALHÃES, F., VILLAROSA, F. (2012). *Urbanização de favelas: lições aprendidas*. Banco Interamericano de Desenvolvimento.

MORETTI, R et al. (2014). *O PAC UAP na região do ABC*. In: I Urbfavelas. São Bernardo do Campo, UFABC.

PETRAROLLI, Juliana (2015). *Obras em favelas*. Santo André, UFABC (dissertação de mestrado).

SANTO AMORE, Caio et al (2014). *Precariedades habitacionais: um ensaio de quantificação e qualificação, uma metodologia de projeto para intervenção em favelas*. In *Anais do I URBFAVELAS*. São Bernardo do Campo: UFABC.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos (1980). *Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?* In: VELHO, Gilberto (org). Rio de Janeiro: Editora Campus.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). *Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

XVI ENANPUR (2015). *ANAIS DO XVI ENANPUR*, Belo Horizonte: ANPUR. Disponível em <http://www.xvienanpur.com.br/index.php>

Entrevistas

GERMANO, Wagner. Entrevista concedida à autora em 27/11/2015. São Paulo.

NAKAMURA, Milton. Entrevista concedida à autora em 14/12/2015. São Paulo.

REZENDE, Heloisa Diniz de. Entrevista concedida à autora em 17/10/2016. São Paulo.

RIBEIRO, Manoel. Entrevista concedida à autora em 20/11/2015. Rio de Janeiro.

SANTO AMORE, Caio e MARQUES, Alexandre. Entrevista concedida à autora em 17/11/2015. São Paulo.

SILVA, Jonathas. Entrevista concedida à autora em 26/10/2015. São Paulo.

TANGARI, Vera Regina. Entrevista concedida à autora em 23/11/2016. Rio de Janeiro.

TOLEDO, Luiz Carlos. Entrevista concedida à autora em 23/11/2015. Rio de Janeiro.